

COLCHA DE RETALHOS

Revolution #50

50 toques a menos
é certo uma revolução:
+ movimento,
menos pano de fundo.
Estréias, todos os dias...

Listen II

Garota imprudente,
vou te contar meu segredo:
amo sim a ti, e descaradamente.
Amo, libertino e sem medo,
daquele modo perdido e só visto
nos romances e folhetins femininos,
e nas canções meladas
nas infantis baladas
dos gloriosos anos 70.

Aerofólio

SEU AR
CORTAR
SEU AR
CORTAR
SERRAR
SEU AR.
SERÁ,
MEU AMOR,
SERÁ?

Eternidade (24 de Janeiro de 1999)

fragmento meu
em formalina
necessidade
de viver
pr'além da morte
mesmo sem sensação,
bêibi,
mesmo sem nada
além do existir, morto,
em meio à vida.

Sem título

faltando quinze minutos para as 10 da manhã de um domingo de verão

vou vivendo, ano atrás de ano,
meses que passam sem serem notados
dias que começam e acabam dentro da rotina dos nossos atos
horas que escorrem sem deixar respingos
minutos esvoaçantes como fumaça de incenso
segundos elétricos (mas também mórbidos) &
um + 1 segundo, esse que passou agorinha
sem deixar nenhum traço na minha carcaça
na minha eternidade
pessoal, intransferível, dividida.
Um relógio digital, essa vida,
beautifully done, baby, but
no hands, no hands inside it...

POESIAS DO BAIXO GÁVEA

iniciadas no dia 19 de Janeiro de 1998

Rapidinhas

Precisava de uma bic, prá te contar do meu amor,
e mais 80% de cena aberta...

Mas ao final, virá a recompensa
na certa incidência da tua luz,
e na hora certa?

Virá, meu bem,
teu dardo vesgo,
tua redenção?

O erro é final, my love - bic não tenho;
uso apenas um cravo, olhos de fogo,
e imaginação.

Penso em ti:
fratura exposta
do braço do mar

Se discordas, veemente,
concordo desde logo,
profilático.

Cobra

Eu... troco de pele como as cobras,
quando te vejo, faceira, com tua mirada 360.
E me enrosco todo,
e afunilo meu bote de emoção
naquela hora, e no ângulo exato
do cruzar de nossas pupilas
(o eterno instante em que apenas existem,
no mundo, tu e eu, oscilando
no mesmo eixo.)

Então, eu... troco de pele.

Grateful Dead

(ou, Trabalhadores do Brasil, Uní-vos!)

Obrigado(a), obrigado(a), prezados conselheiros
da Pátria-mãe!!!! O defunto agradece,
mudo de emoção, estático de frisson,
duro e teso de rigor marcial,
pronto e prestes a cair
ao peso da medalha
que cravareis no peito
impoluto do finado,
inflado de orgulho e
de gases bacterianos.

Vou ao judiciário
exigir meus direitos
sobre a luz de teus olhos
(indignado por tua liberal
distribuição de raios esverdeados
para o público passante).

Coprofilia

Brasil de merda,
eu te amo demais!

Escreves-me de forma tão concisa
e perfurante, com tua língua,
que me marcas o corpo –
linhas indeléveis que só eu percebo,
moça tatuadora.

Apenas uma olhadela,
e virei picolé
no chão do meio-dia...

ESTUDANTE

Sou um estudioso
da ciência dos cheiros.
Tudo é a pátria do meu nariz,
e todos, inconscientes, campos de prova
do apêndice meu, atento e diligente.
Mas é cego o meu estudo,
e se pesquiso ainda coisas & pessoas
e se as cheiro com o antigo rigor,
sei que, de fato, homens continuarão
a matar homens,
embora meu nariz esteja sempre
a meio caminho entre a bala e a perfuração.

(fim do RAPIDINHAS)

Noosfera e outras poesias mais ou menos místicas...

Pavana

(Para Renato Russo, pouco mais de 1 ano após sua morte.)

Voas incerto no meu caminho.
Eu, homem, suponho que me queiras.
No entanto, és meu amigo,
e dizem que amigos não tratam
de coisas do coração

É talvez porque te amo
não como a um irmão, mas também;
não como meu amante,
que ainda não és...

Ah, como faz falta
aquela parte que se perdeu de nós,
muito tempo atrás,
quando deixamos, tu e eu,
de ser crianças!...

Para que servem os anjos

(ao som do instrumental de “Cavalos Marinhos”)

Se me quebras as asas,
me arrasto mais p’r’o golpe surdo.
E tento voar prá ti,
anjo bêbado de tanto olhar
pros faróis verdes que me perfuram.

Se me quebras as asas,
me flui o sangue da ilusão,
hemorragia oculta que disfarço
com meu proverbial sorriso
de boas-vindas.

Se me quebras as asas,
é porque assim me queres, meu amor...
E se é de fato assim,
talvez, afinal, precisas de mim,
cativo, junto a ti sempre, para que te exibas
em teu vôo solo diante de meus olhos
tangentes e esperançosos.

Nacional

Se um dia atrás quebras súbitas e rubros esgares
e outrora borbotões de sangue fluir fluir fluir...
e o porvir amanhã futuro, terceiro milênio sonhos baldados,
o ocaso da esperança?
pero eu poeira palpitante micrométrico sujinho no espelho recurvo
inda arrepio, & quiças arrepias, comigo, co’o som marcial
daquela velha melodia...

choro de Pixinguinha, pois é,
lamento muito de verbena, água-de-cheiro, caruru, acarajé, chimarrão,
bois e boiadas Ypirangas, boiadeiro, yuppie caboclo paudarara, xavante,
gaúcho, co’a breca! O hino himenal convence, desde o útero da velha mãe,
desde o comecinho...

... é que todos somos boiadeiros, mano véio,
todos somos bois de cabeças niveladas,
massa protegida do golpe dos construtores
da Nação.

In articulo mortis

devolve essa água, volta pro lugar dela
a água, volta ela, ladrão de vida!
Devolve a vida, senhor examinador,
dono das latas e dos tonéis...
Devolve essa água, que bocas secas
querem lavar mãos e pés,

e a roupa desfiada que reveste de poder teu reino,
teu sistema de opressão.
Que a boca minha seca desdentada morrerá de sede,
bocas secas morrerão de sede...
Bocas porém escâncaras felizes e pacíficas,
se puderem lavar mãos e pés,
e a roupa que desveste nossa pele glabra,
senhor examinador das entranhas de nós
frangos rituais!

NOOSFERA

(15 de novembro de 1997)

No campo árido à frente da minha casa,
a esfera dos meus sonhos é uma árvore de muitas cores
com tantas e tão diminutas folhas
que a visão fica nublada,
e nem mais vejo as pontas dos meus dedos...

E essa espera me tumultua, nesse momento,
quase parando a antiga roda.
Todos os medos, e minha ilusão,
partem pela estrada do pensamento.

O corpo fica, estático, troncho e solitário,
no meio da estação.

Se penso demais, dói a cabeça
e meus planos escorrem e se somem.
Preciso de mais diversão, um pouco de sexo,
algum papo amigo e desanuviado
que me deixe, assim assim, um pouco alto,
um tanto anestesiado,
a acreditar que inda é possível
o passo amplo e firme que não mais darei.

TRUQUES

TENTO O DESVIO,
BRINCO DE PEDRA
OUÇO O ORIFÍCIO DO TEU NARIZ
RETO E ILÍNEO NA MINHA NUCA, NA MINHA TESTA,
NAS MINHAS MÃOS...

FICO PARADO. ES-TRA-TI-FICO, PÁRO O SANGUE
E A ÍRIS SE VEDA E A ÍNDIA ME SOME
E REVOLTEIA PRÁ LONGE DO AR.
ME FINJO DE MORTO, UM RAMO DE ROSAS,
E ME CONFUNDO, PRÁ MELHOR TE TRAIR, QUERIDA,
COM O PAPEL DA PAREDE.

NÃO ME PERCEBES, ASSIM, E SEMPRE, DESATENTA QUE ÉS...
ENCAMINHAS ENTANTO O BRAÇO ANGULADO,
SEM VÉUS NEM MANTILHAS
(A TEIMA SUCINTA DE PREGAR O PREGO
EM OLHOS VELADOS, OLHOS DE FOLHAS,
LUGAR EXATO PRÁ MOLDURA ANTIGA
DOS TEUS DEVANEIOS)

ZAPPER

Para a minha falta de ar,
diante da telinha,
penso no remédio justo, definitivo.
Coisas passam, vem e vão na cabeça,
intervaladas, como os anúncios da televisão.

Penso que, se continuar vivo, desligo o aparelho
que está sempre ligado em mim, ou quase sempre,
penso em sair da sala, tomar um café ou uma cana...

Olho pro lado, disfarço, tusso,
e olho novamente para a televisão.
É tão cômodo, ficar assim,
com a programação da semana
sobre as pernas, e vendo tudo passar
pronto e mastigado, em lindas e puras linhas
do mais exato e puro design...

Me fecho na sala de estar.
Troco de canal, zapeio a tevê, e olho novamente
as carnes expostas, as raízes do mal,
os crimes examinados com lupa de aumento, cirurgicamente.

Bebo com os olhos os anúncios,
gelo junto com montes e neves
e lindas vestes coloridas de esquiador,
e vibro com os sorrisos
eróticos e epicríticos e generosos e felizes
das meninas e meninos da televisão.

Penso numa traqueostomia, penso no meu canivete,
ponho a mão na boca do estômago, massajeio a boca do estômago
sorvo o ar
esganiço com a cantora
levo ao limite máximo o sorver do ar
diante da televisão
a minha companhia, ao anoitecer...

Olho de lado os meninos e meninas que me convidam
p'r'uma vida de plástico e aço inox,
p'r'uma viagem sem começo, fim, sentido ou meta.

Penso ainda um pouco no canivete vermelho,
mas me ajeito na poltrona,
não penso mais, ajo imediatamente e com decisão:
ponho em definitivo meu controle de lado,
e depois aumento o som
na minha estação predileta.

TEMPESTADES

Tempestade I

Deço na chuva, até a portaria...
A chuva me poliniza, e esqueço, na água vertical,
da catástrofe de existir longe
dos homens e mulheres de lata.

Deço na chuva, e essa manhã fria
estratifica meus pensamentos, minha inação.
É hora de permitir o sonho, o anseio
de coisas de Oz em minha vida?

Ando na chuva, e a tênue sinfonia,
o tamborilar das gotas nos carros estacionados,
me entorpece, e nem mais sinto frio. Isso é normal,
penso, enquanto ratos e baratas nadam
junto a meus pés descalços.

Tempestade II

Penso nos pés e nos ratos,
penso no copo e no álcool,
penso na tempestade...

E se muito penso,
me doem a cabeça
e o peito, e sufoco, talvez,
e me afogo sempre
na lama que me lambe as pernas.
Então não penso mais.
(Deixo que pensem por mim)

Tempestade III

Ouviste? É o som das águas
que me batem nas canelas...
Atrás delas, devem vir
em procissão,
ratos e baratas,
e me verei tomado
por todos eles, esses bichos...

A cabeça me dói, e nem a chuva
ameniza o sofrimento.

Ouviste? Penso em ti,
querida, mesmo em meio
aos vermes amigos da tempestade.

(fim da coletânea COLCHA DE RETALHOS)